

# BRASIL-PORTUGAL

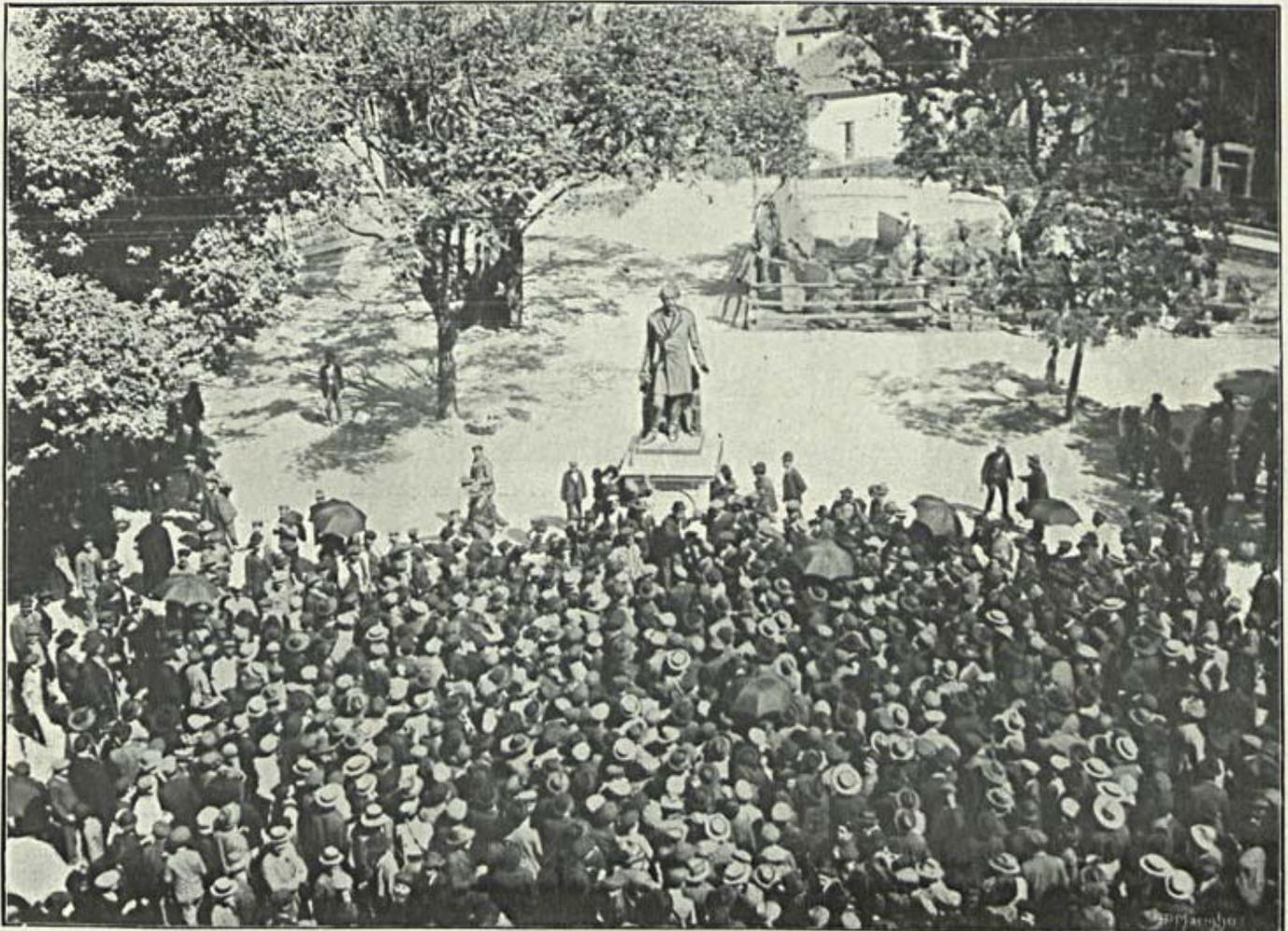
DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE AGOSTO DE 1911

N.º 302

## Movimentos de protesto

A manifestação do dia 2 promovida pela Comissão de Vigilancia Social



Os manifestantes no Largo das Côrtes, junto da estatua de José Estevão

(Phot. de J. Benoit)

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa 16 de Agosto de 1911

A eleição presidencial. Republicas e monarchias. Diferenças e semelhanças. Boatos e factos. Impressões em verso. Dois sonetos escapados a um Auto de Fé. As manifestações do largo das Côrtes. Porque é que o dia 2 d'agosto é duplamente historico.

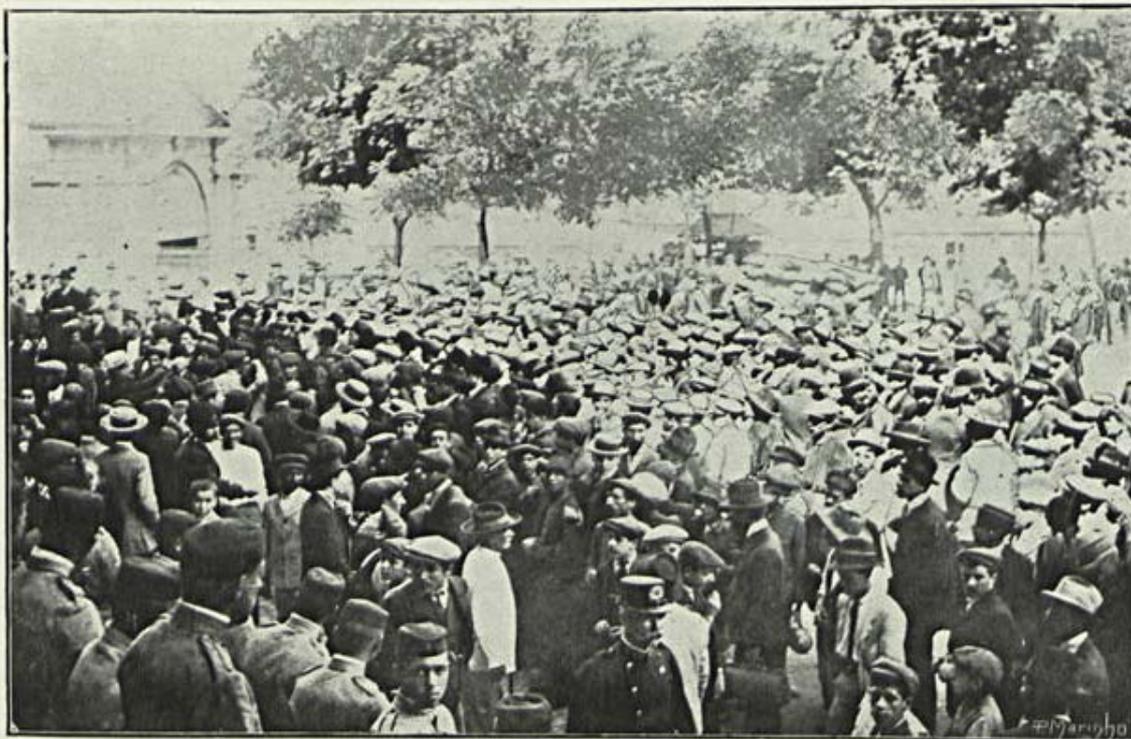
**A** questão do Presidente — tal é a alcunha da futura eleição presidencial — é de todas as questões nacionaes a que mais interessa neste momento o espirito publico.

A interessar o paiz inteiro bastaria ella só de per si, desprovida de incidentes, reduzida á sua expressão mais simples. Escolher um homem entre tantos milhões d'elles, de tanto joio

A' primeira vista nada mais claro nem mais simples, e comtudo estas vespersas de eleição constituem um tratado completo de philosophia politica. Provam que, sejam quaes forem os regimens, os homens são sempre os mesmos, movidos pelas mesmas paixões, padecendo dos mesmos defeitos agarrados á alma e inherentes á especie. Aquelles a quem foi confiada a guarda, a segurança e a integridade da Republica, aquelles que representam os mais altos poderes do Estado, governo e parlamento, mal se annuncia o dia em que deve ser escolhido um homem para a primeira magistratura, esquecem os compromissos tomados, rasgam os programmas politicos, quebram a integridade jurada, e não teem duvida em cavar, pelas divisões e sub-divisões partidarias, a ruina de uma instituição nova que lançaram e pozeram de pé sobre os alicerces de uma instituição antiga, cuja desunião, cuja dispersão de forças, cujos erros e cujos defeitos, eram nem mais nem menos os mesmos que os seus successores estão reproduzindo. Podem ainda os do velho regimen vangloriar-se de que a actual lucta de interesses e

## MOVIMENTOS DE PROTESTO

A manifestação do dia 2 promovida pela Commissão de Vigilancia Social



A infantaria impedindo os manifestantes de entrar no parlamento

(Phot. de J. Benoit)

amontoado separar o bago de trigo, fazer uma selecção tão rigorosa que a escolha recáia sobre aquelle que seja, pelas virtudes pessoas e pelo tacto politico, o primeiro, o mais idoneo, o mais competente para dirigir homens e presidir ao desenvolvimento de um regimen incipiente e aos destinos de uma nação secular, é na sua simples essencia missão de tamanha responsabilidade que ella bastaria para perturbar a consciencia d'aquelles que tenham de desempenhá-la.

A conjunctura presente veio ainda avolumar todos estes embaraços e responsabilidades. Ao approximar-se o momento da eleição pozeram-se em foco as retaliações e os despeitos, vieram á superficie as paixões politicas e facciosas, constituiram-se grupos e seitas, scindiu-se a apparente integridade partidaria, organisaram-se grupos combatentes, parecendo porfiarem todos em cavar a divisão e a ruptura nas suas hostes. Sob o pretexto de que seria immoral ir buscar o presidente ao governo, agruparam-se de um lado os que pretendiam impôr nomes extranhos ao ministerio, levados por sympathias ou interesses pessoas, e do outro lado os que talvez por identicos motivos queriam um dos ministros na Presidencia.

de paixões, da qual pode resultar um abalo tremendo, lhes era defesa a elles, porque lh'a não consentia a hereditariedade monarchica. Podem vir com este argumento em favor da instituição deposta, e, se quizerem puxá-lo á fieira, trazendo para exemplo as republicas sul-americanas, podem ainda os affectos á monarchia lançar a vista para o futuro na previsão de que as ambições e vaidades presidenciaes, a preocupação do mando e do dominio, venham a cavar discordias partidarias e até graves conflictos nacionaes.

O caso de momento prestar-se-ia a estas e a mais largas considerações se tivessemos a pretensão de desenvolver por estas columnas despretenhosas theses philosophico-politicas. Sem nos importarmos absolutamente nada que o Presidente da Republica seja o sr. Braamcamp ou o sr. Bernardino Machado, que metade do parlamento queira um e outra metade queira outro, ou outros, largamos *à la diable* esta opinião ephemera, afim de que viva apenas os minutos necessarios para ser lida e alguns mais para ser meditada, deixando-nos a velleidade de não andarmos muito arredados do bom senso ao assegurarmos que a questão não é de

instituições nem de regimens, e que todas e todos são bons, quando as paixões humanas e politicas se não desencadeiam, quando o patriotismo sobreleva a todos os interesses, quando a moralidade occupa o logar mais alto, e o senso pratico, culto e moderno, preside ao governo das nações.

Da minha longa viagem por quatro nações da Europa — a Hespanha, a França, a Italia e a Inglaterra — acabo de encontrar notas dispersas em alguns papeis que sobejaram do auto de fé a que os condemnei no ultimo dia da minha estada em Londres.

E' que eu tenho quando viajo um excellente habito: tomar apontamentos de espectaculos que se me deparam, de scenas flagrantas que me surpreendem, de observações que ellas me provocam, de impressões novas que experimento. E, parallelamente, tenho o habito pessimo de rasgar tudo e não aproveitar nada.

Não sei quantos volumes, e que alguma utilidade poderiam ter, não pelo nome que os subscrevesse, mas pelas noções que dessem, pelas revelações que trouxessem a publico, pelo *comple-rendu*, quanto mais não fosse, de acontecimentos mundiaes e palpitantes dos quaes me tem feito testemunha o acaso da viagem, não sei quantos d'esses eu poderia ter escripto se aquelle habito pessimo de que falo acima não fosse um habito meu, antigo e inveterado.

Do auto de fé londrino alguma coisa escapou d'esta vez, não apontamentos em prosa, mas observações em verso, as quaes, sob a fórma de sonetos, não foram reduzidas a cinzas porque já as cobria com a sua aza a égide protectora da Arte. A Musa, quando é sincera, mesmo que seja modesta, adquire direitos de inviolabilidade, contra a qual não investem os seus apóstolos sob pena de profaná-la.

Escaparam por isso ao fogo iconoclasta alguns d'entre os versos que fiz em terras italianas, e perdôe me o leitor os minutos que lhe roubo e o espaço que lhe tomo, passando para esta pagina dois dos sonetos que escrevi nas thermas de Montecatini, depois da leitura de jornaes portuguezes que o correio acabava de me levar, e que me deixavam sempre mal disposto e algo aborrecido, porque em vez de factos concretos não me levavam senão noticias de boatos alarmantes, que o dia seguinte logo se encarregava de desmentir. Esses sonetos que seguem sahiram de alguns momentos de mau humor.

## Tempestades... em copos d'água

Sóam aos meus ouvidos já cançados  
Fragóres de batalha, sons de guerra;  
Sob os meus pés sinto que se abre a terra  
E que por ella vamos ser tragados.

O que vae, Santo Deus! por Portugal!  
Troveja o Norte, ruge o Centro e o Sul,  
Faz-se amarello o lindo céu azul,  
Nadam em sangue o Porto e a Capital!

E, enquanto estes tetricos horrores  
Nutrem a phantasia aos sonhadores,  
Que nem acham sequer estar sonhando,

Como eu tambem não acho rima em *uccio*,  
Eu todas as manhãs vou emborcando  
Os meus três copos d'agua de Tetuccio.

Montecatini (Italia) 29 de maio, 1911.

## A minha missão

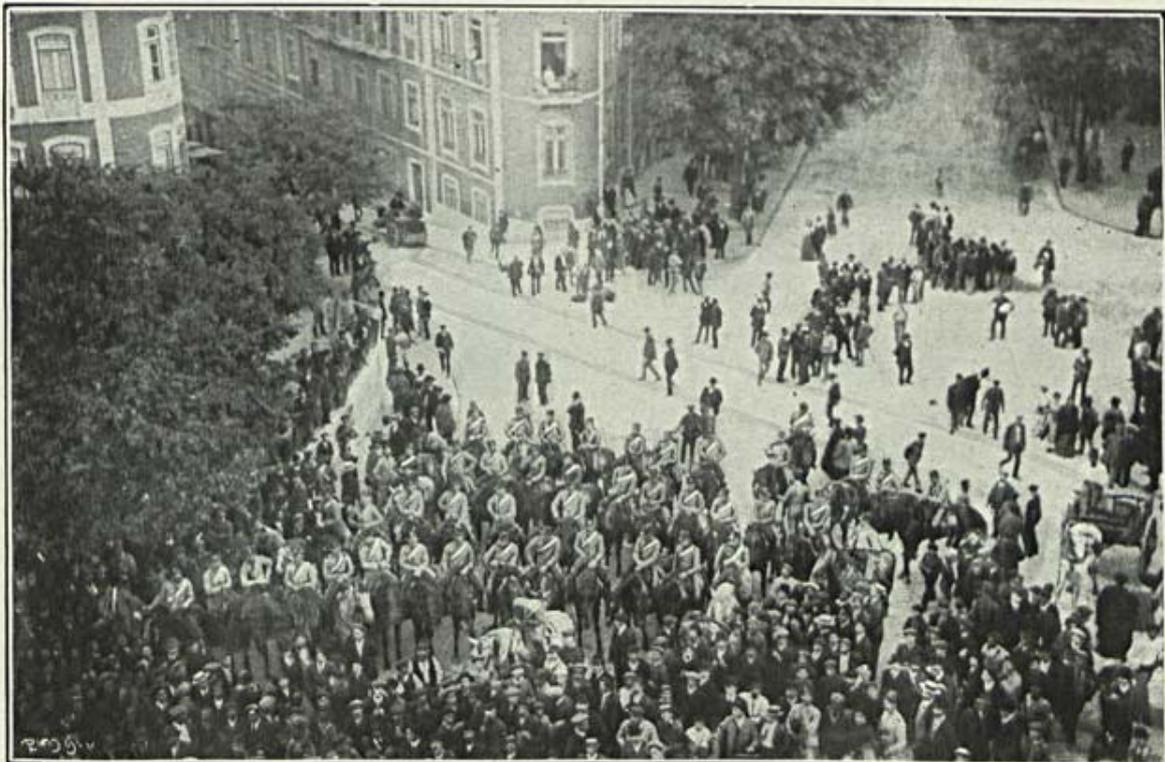
Salvè, mansão feliz! Salvè Montecatini!  
Paiz em que a barriga empunha o sceptro real,  
*Piccola* estancia, mas imperio universal  
Do figado, dos rhins, e *degli intestini*.

Victor Manoel, Giolitti, e o proprio Lambertini  
Aqui não mandam nada. Aqui só manda e vale  
A voz do Grocco. Aqui só tem poder o sal,  
Riqueza da agua neste império *dei latrine*...

Sal que como um tufão das tripas tudo arrasta...  
Neste capitulo ha, porém, melindres. Basta.  
Passando a Portugal: de tramas, conspiratas,

Em vez de obras palões, parola em vez de factos.  
Saibam portanto ahi todos os pataratas  
Que eu cá não, que em Tetuccio eu obro... para os boatos.

Montecatini, 1 de junho.



MOVIMENTOS DE PROTESTO — A manifestação do dia 2 promovida pela Comissão de Vigilancia Social

A cavallaria impedindo a passagem aos manifestantes

(Phot. de J. Benoit)

Ainda me não tinham fugido do espirito estas desagradaveis impressões quando, depois de quatro mezes de ausencia, desembarquei do *Oravia*, em Lisboa, na manhã de 2 d'este mez.

Na tarde d'esse mesmo dia deram-se os acontecimentos do largo das Côrtes, de triste memoria. E poucas horas depois chegavam-me aos ouvidos detalhadas descrições de scenas violentas,

a ideia de que taes e tão novos acontecimentos faziam do dia 2 d'agosto um dia historico — duas vezes historico: por causa d'esses acontecimentos e por ter eu... entrado em Lisboa.

JAYME VICTOR.

Um sujeito entrou n'um *restaurant* e foi servido por um caixeiro que tinha os olhos inflammados.



**MOVIMENTOS DE PROTESTO** — A manifestação do dia 2 promovida pela Comissão de Vigilancia Social  
A guarda republicana carregando sobre os manifestantes

escabrosas, de palavras obscenas, de injurias arremessadas pelo povo aos ministros, do emprego violento da força pelos agentes da auctoridade. Pela leitura dos jornaes, pallida, deficientissima ideia se podia fazer das selvagerias da vespera, porque em Portugal, apesar da chamada liberdade de imprensa, e da lei que a garante, affigura-se-nos ter voltado aos velhos tempos em que não existia o jornal, e as noticias dos acontecimentos que iam occorrendo eram transmittidas por pregões que passavam de boca em boca. A differença unica é que os pregões foram substituidos por segredinhos, differença a favor das epochas barbaras porque os pregões eram permittidos, e os segredinhos — apesar de não passarem d'isso — são perigosos. O que afinal não é para extranhar porque nos tempos que correm a verdadeira liberdade é cada um em casa com sua familia, e é aquella que cada qual quizer tomar para si. De tanta liberdade disfructa, pois, aquella que ao ouvido do visinho relata em segredo um facto occorrido como aquelle que o prende em nome dos altos interesses da Patria e gentilmente o acompanha ao calabouço do governo civil para lá passar a noite.

Vem tudo isto a proposito, e com isto remato estas breves considerações, para lhes manifestar — de fôrma alguma o meu contentamento — mas por todas as fôrmas a minha surpresa ao ver finalmente que os boatos que eu verberei galhofeiramente nos meus sonetos, acabavam de se converter em factos. A scisão entre governantes e governados, entre ministros e populares, entre deputados e eleitores, entre povo e tropa, tornada emfim realidade, deixava de ser uma coisa vaga e intangivel, para ser tão tangivel e palpavel, que os que ficaram amachucados, feridos, e não sei se algum morto na contenda, dão testemunho irrefutavel de que aos boatos succederam os factos, e que esta nova phase da liberdade em acção foi annunciada a... toque de pavana.

Pela parte que me toca, ao mesmo tempo que lamentei a sorte dos que mais soffreram com estas manifestações, desvaneci-me com

— Tens ophtalmia, rapaz? perguntou o freguez encarando-o.  
O caixeiro ficou pensativo, mas depois respondeu:  
— Não sei se ainda ha, vou perguntar ao cosinheiro.



**MOVIMENTOS DE PROTESTO** — A manifestação do dia 2 promovida pela Comissão de Vigilancia Social

Dr. Mario Monteiro e o sollicitador Pinho Ferreira, accusados de instigadores dos acontecimentos, sahindo do governo civil

(Phot. de J. Benoliel)

A entrega de credenciaes do novo ministro dos Estados Unidos, sr. Edwin Morgan

## CINTRA



O novo ministro sahindo do palacio de Belem

(Phot. de J. Benoitel)

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro,  
Onde se esquecem maguas, onde folga  
De se olvidar no seio a natureza  
Pensamento, que embala adormecido  
O sussurro das folhas c'o murmurio  
Das despenhadas lymphas misturado;  
Quem descansado á fresca sombra tua  
Sonhou senão venturas? Quem sentado  
No musgo de tuas rocas escarpadas,  
Espairecendo os olhos satisfeitos  
Por céos, por mares, por montanhas, prados,  
Por quanto ha ahí mais bello no universo,  
Não sentiu arroubar-se-lhe a existencia,  
Poisar-lhe o coração suavemente  
Sobre esquecidas penas, amarguras,  
Ancias, lavor da vida? — oh grutas frias,  
Oh gemedoras fontes, oh suspiros  
De namoradas selvas, brandas veigas,  
Verdes outeiros, gigantescas serras!  
Não vos verei eu mais, delicias d'alma?  
Troncos, onde eu cortei queridos nomes  
D'amizade, e d'amor, não hei-de um dia  
Perguntar-vos por elles? Soletando  
Não lerei pelas arvores crescidas  
Os caracteres, que, em tenrinhas plantas,  
Pelas verdes cortiças lh'entalhára?

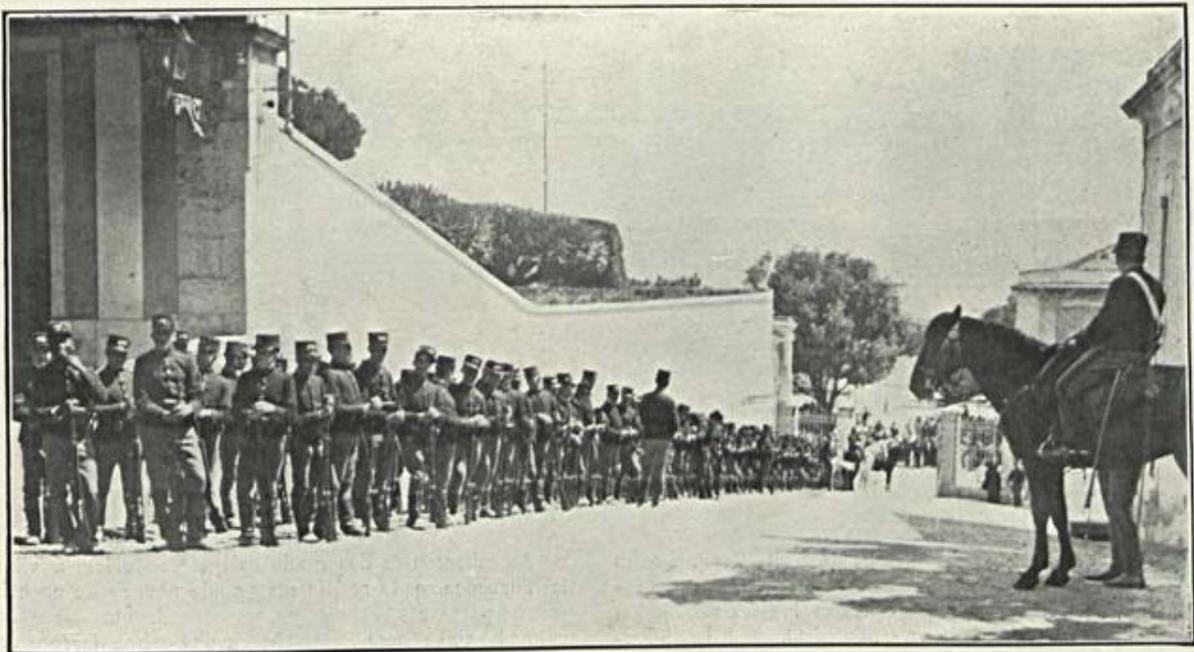
VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

### Contra a falsificação de assignaturas

Quaes as condições a que deve satisfazer uma assignatura para não ser falsificada?

E' necessario que seja legivel, que não tenha grossos nem finos, devendo por isso ser feita rapidamente e que tenha o menor numero de arabescos complicados na formação particular do traço final da firma. As assignaturas muito complicadas são as mais faceis d'imitar por qualquer criminoso.

Para se chegar a estes tres resultados é necessario grande firmeza de mão.



A entrega de credenciaes do novo ministro dos Estados Unidos, sr. Edwin Morgan

Infanteria n.º 1 fazendo a guarda de honra no palacio de Belem

(Phot. de A. C. Lima)

## A proposito da questão de Marrocos

### Noticia sobre Agadir

Tem a maior oportunidade, devendo por isso ficar archivada nas paginas d'esta Revista, a seguinte *Noticia sobre Agadir*, lida pelo illustre escriptor, sr. Henrique Lopes de Mendonça, n'uma das ultimas sessões da Academia de Sciencias de Lisboa.

EM 1505, João Lopes de Sequeira, que parece estava estabelecido no Cabo de Guer para trafico de pescarias, alcançou de D. Manuel licença para a construcção de uma fortaleza, na Angra de Guadrubar ou de Narba, a lessueste do dito cabo.

A essa fortaleza, construida no meio de incessantes investidas

entendidos, entre os quaes o duque de Bragança, D. Jayme, que a julgava sempre em perigo eminente, por se achar na ribeira do mar, senhoreada por um monte chamado o Pico, d'onde o inimigo, mais advertido e apercebido, poderia guerreal-a com vantagem. Existe, como indicio de que não se descurava o seu povoamento, um alvará de 18 de abril de 1516, pelo qual D. Manuel manda á villa de Santa Cruz do Cabo de Guer materiaes para construcção de trinta casas, armamentos e dinheiro.

Devia ser n'este tempo capitão da villa D. Francisco de Castro, o qual em 1517 veiu ao reino com licença a tratar de quaesquer negocios, particulares ou officiaes. Aproveitou-se o Xerife da sua ausencia para fazer uma incursão pelos territorios que nos eram tributarios, com damno para um dos xeques nossos amigos, cuja povoação ficou arrasada.

## Affonso XIII em Londres



*O rei de Hespanha sahindo do hotel Ritz  
acompanhado do Senhor D. Manuel e da Senhora D. Amelia*

dos mouros, deram os portuguezes o nome da Santa Cruz. E como João Lopes de Sequeira a não pudesse suster por si contra as incursões inimigas, deu-a a el-rei que por isso lhe fez mercê. Em volta do castello se formou uma povoação christã, cercada de muralhas, a qual os mouros denominaram Agadir, que significa logar fortificado; Leão Africano chama-lhe Guertguessem.

A povoação foi-se desenvolvendo apesar da opinião de muitos

Assenhoreou-se dos caminhos que conduziam á villa proxima de Turocuco, onde residia um grande numero de negociantes, em grande parte castelhanos, genovezes e de outras nações christãs, e d'onde vinha para Santa Cruz muito cobre, ferro e prata. Mas, volvido á sua capitania, D. Francisco de Castro vingou-se d'esta affronta, cerca de tres annos depois, com o soccorro de um xeque comarcão, apossou-se da villa, matando muitos dos seus moradores.

e captivando a maior parte, em que entraram os negociantes christãos, que os habitantes de Santa Cruz quizessem pôr em almoeda. Informado d'este facto, o rei de Portugal, mandou que um d'elles fosse ao reino para tratar, como delegado de todos, do seu resgate. Ignora-se o seguimento do negocio, mas é provavel que fossem libertados, mediante arrazoada indemnisação.

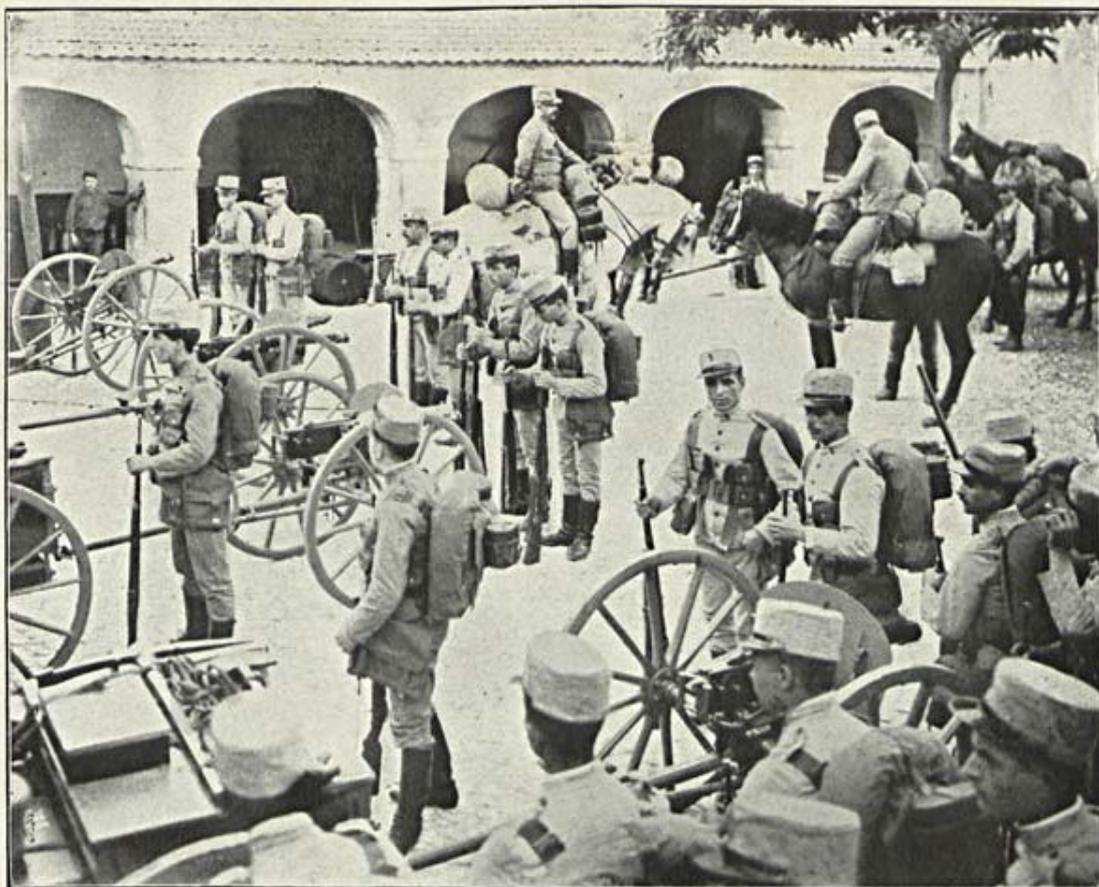
Em frequentes sobresaltos parece ter decorrido o governo da villa. Sabe-se que em 1534 já estava investido da capitania um fidalgo castelhano, D. Gaterre de Monroy, que servira na India como capitão de Goa, em tempo do governador Lopo Soares. Foi das suas mãos que se escoou o castello e a villa, apesar das façanhas realisadas para os suster. Accusa-o Fr. Luiz de Sousa de pouco experiente da guerra, e rememora o dito que vogava por occasião do cerco: que a defeza estava confiada a dois geos, um

meiro e exíguo soccorro, commandado por Manoel da Camara, a quem já alludimos. As outras armadas, mandadas aperceber por D. João III, quiz a fatalidade que ou não chegassem a tempo ou arribassem ao reino por contrastes de ventos e tormentas. Duzentos a trezentos homens se achavam apenas dentro dos muros da villa, para resistir a uma força enorme de inimigos, que o proprio D. Guterre talvez exageradamente, computa em cem mil mouros e turcos. As proezas dos portuguezes são narradas por Fr. Luiz de Sousa e incidentalmente por Gaspar Corrêa, o qual attribue no emtanto á traição de um almoxarife do castello a perda da villa.

A sua versão é extremamente romanesca, e afigura-se-me bem cabida n'um livro que tem o titulo de *Lendas*. Conta elle, em resumo, que D. Guterre de Mourroy ficou captivo dos mouros, com

## A conspiração monarchica

### Movimento de tropas



*Metralhadoras e soldados de caçadores n.º 2, regimento que ha dias partiu para o norte afim de render caçadores n.º 5*

(Phot. de J. Benoliel)

que não via e outro que nunca vira. Referia-se a pontuada satyrica a Manuel da Camara, que fôra em soccorro da villa, por ser myope, e a Monroy, pela falta que tinha de exercicio militar.

Parece todavia certo, que o castelhano, se não era um general consummado, mostrava zelo e prudencia no desempenho do seu cargo, requisitando para o reino ajudas e soccorros, na previsão de um ataque. Essas reclamações não eram attendidas como a eminenencia de risco requeria. Effectivamente o xerife, então senhor dos reinos de Terudante e Sus, reconheceu o valor estrategico do Pico, ordenou a seu filho Muley Mamet que se apoderasse do monte e na sua encosta edificasse uma villa. Começou esta construcção em setembro de 1540. A fortaleza mourisca, a cavalleiro da nossa enviava a seu salvo os pelouros para o recinto das muralhas portuguezas. Os assaltos eram constantes e rijos, e a resistencia não era menos valorosa. Foi só em dezembro que chegou á villa o pri-

meiro e exíguo soccorro, commandado por Manoel da Camara, a quem já alludimos. As outras armadas, mandadas aperceber por D. João III, quiz a fatalidade que ou não chegassem a tempo ou arribassem ao reino por contrastes de ventos e tormentas. Duzentos a trezentos homens se achavam apenas dentro dos muros da villa, para resistir a uma força enorme de inimigos, que o proprio D. Guterre talvez exageradamente, computa em cem mil mouros e turcos. As proezas dos portuguezes são narradas por Fr. Luiz de Sousa e incidentalmente por Gaspar Corrêa, o qual attribue no emtanto á traição de um almoxarife do castello a perda da villa.

Tornou-se a castelhana uma especie de Esther medianeira entre o poder de Assuero e os captivos da sua raça.

Tão honrado era o mouro que, aproveitada a traição, suppliciou o traidor. A filha de Mourroy não sobreviveu muito ás honras de que a cercou o apaixonado mussulmano. Morreu sobre parto, tendo alcançado de seu marido a promessa de libertar seu pae.

Cumpriu o angustiado viuvo a promessa, enchendo de presentes o sogro, e dando ainda liberdade a muitos outros captivos.

Esta aventura sentimental pôde ser verdadeira. O que não me parece exacto é a traição do almoxarife. A ella não allude D. Guterre na carta transcripta por Fr. Luiz de Sousa, quando seria excellente justificação da catastrophe. Ao que elle se refere, sim, é

ao pouco esforço dos homens das caravelas, que de noite desampararam cobardemente o porto.

Seja como fór, em summa, a villa foi tomada pelos mouros, a 10 de março de 1551, depois de vinte e dois dias de combate, o que já representa uma heroica resistencia, dada a desproporção das forças e a vantagem da posição inimiga, e em vista do prejuizo que os mouros tiveram, que, afóra feridos e queimados, Mourou avalia em tres mil mortos. Muitos dos nossos ali morreram, entre elles D. Afonso, filho do capitão.

As mulheres portuguezas, pelejando e animando os combatentes, mostraram ser da rija tempera das mulheres de Diu e de Mazagão. E conta-se o tremendo sacrificio de um sapateiro de Matosinhos, por nome Manuel Fernandes, que, vendo tudo perdido,

para Mogador os negociantes que ali residiam e prohibiu todo o commercio com Agadir.

Renovada actualmente a nomeada de Agadir, em consequencia da incursão germanica, pareceu-me a proposito reunir n'esta succinta noticia os apontamentos que tinha recopilado sobre esta localidade, sobre o que respeita ás suas relações com a historia portugueza. Se os allemães ali desembarcarem e julgarem util fortificar-se, é muito possivel que os seus canhões assentem sobre as dismanteladas muralhas que á custa de prodigioso esforço, portuguezes levantaram e sustentaram durante cerca de sete lustros.

Nunca é de mais relembrar estas tradições, que revelam a naturaes e extranhos a vitalidade da nossa raça e a ubigua expansão da nossa actividade nacional.

## A proposito da conspiração monarchica



*A aldeia de S. Gregorio, na fronteira portugueza, vendo-se a ponte internacional de 8 metros sobre o rio Trancoso  
A' esquerda (Portugal), vê-se a guarda fiscal, á direita (Hespanha), a guarda civil*

*(Phot. de J. Benoit)*

matou por sua mão um filho e uma filha ainda creanças, e, querendo fazer o mesmo a uma filha maior, foi morto pelos mouros.

Incidentalmente me occorre citar entre os mortos um Francisco Camões, que era decerto parente do grande épico.

Foi esta a primeira perda que os portuguezes soffreram dos mouros nas praças de Africa, e por isto grande foi o sentimento de D. João III. Tentou ainda accudir-lhe, mas debalde. Nunca mais o Cabo de Guer calu em mãos portuguezas. Em mãos de mouros foi a villa medrando, tornando-se um importante centro de commercio, onde se ajuntavam os arabes do deserto e os indigenas do Soldão a fim de exportarem para a Europa os ricos productos da região adjacente. Por isso lhe foi dado o nome de Bad-el-Sudan, a porta do Soldão. Mais tarde, porém, os imperadores de Marrocos, pouco confiados na lealdade dos seus habitantes, cerraram o porto.

Foi o sultão Sieli Mahomed que conquistou a villa, transportou

*Panthera* se chamava o navio em que o pavilhão do kaiser tremulou, na velha angra de Santa Cruz.

Concluo por fazer votos para que essa panthera, depois de posar sobre as ruinas das nossas glorias, não arme d'ahi um repentino salto sobre os restos ainda florescentes do nosso patrimonio ultramarino.

H LOPES DE MENDONÇA.

Um jornal inglez *The Optican*, pretende que a maior parte dos homens de genio, tiveram olhos azues e cita Socrates, Shakespeare, Bacon, Milton, Byron, Gæthe, Napoleão, Franklin, Gladstone, Bismark e Renan.

Pelo que diz o mesmo jornal, todos os presidentes dos Estados Unidos, com excepção de Harrison, tiveram os olhos azues.

## Estrellas d'alva

**E**NTRE a fumaça de um cigarro e uma chavena de café, convidaste-me risonho e feliz, a assistir ao teu casamento.

Recusei. Instaste, tornei a recusar e prometti explicar-te o motivo na vespera das nupcias.

.....  
E os ídolos da existencia sempre foram esses dois anjos.  
Seus nomes... para que cital-os?

### Os novos equipamentos de infantaria



« Soldados vistos de perfil armados e equipados

Os anjos têm nomes?

De que me servia pintar-te ao vivo o quadro da ventura; trazer para aqui as doces emoções de uma alma não contaminada, ainda, da perversidade grosseira do mundo?

As paginas intimas guardam-se, meu amigo; e quando aquella lagrima do poeta, que era um adeus ás suas illusões, seccou, eu contrahi o juramento sagrado de nunca descobrir o segredo mais infimo de suas mais intimas confidencias.

E se hoje o faço, e depois de muitos annos, é porque sou impellido fatalmente por deveres de lealdade a que me submetto; é porque dorme no sepulcro, entregue aos vermes da morte, aquella a quem, na vida, os vermes do desespero devoraram o coração, que foi um poema! Ha no espirito que soffre um pudor sublime...

A casa onde moravam os anjos do poeta, situada na encosta da montanha, escondia-se como um ninho, entre a vegetação.

Ali, escoavam-se serenamente, como a agua crystallina das fendas de uma rocha, os melhores e mais soberbos dias da sua juventude.

Alli, na convivencia calma, nasceu o amor do poeta, e tornou-se lava impetuosa no correr veloz do tempo.

A' tarde, sahiam a passeio, e sob a penumbra crepuscular er-

guiam castellos, sonhavam ditosos, architectavam o phantastico edificio deslumbrante das illusões, e a imaginação — pobre millionaria — dava-lhes, com uma prodigalidade espantosa, os saraus, as caruagens, as sedas e os brilhantes, as rendas e os perfumes... Saudavam as madrugadas, claras e formosas, cren-tes de que a vida é a eterna madrugada sem sombras e nuvens; e, mais proximos de Deus, não escutavam os clamores sombrios do mundo!

O céu eternamente azul confundia-se com aquellas almas eternamente juvenis, que nunca se manchavam com o mais leve indício de pesar, com a menor negridão de tempestade ou desgosto...

Que o digam as arvores onde gravaram seus nomes, entre-laçados como sempre viveram seus corações, que se amaram um dia; que pulsavam, que se comprehendiam; as montanhas que ouviram suas risadas; o céu que foi testemunha de tantas e tão incomparaveis scenas de ventura!

A' noite, quando os astros — olhos travessos de mimosa amante — lançavam reflexos d'ouro no lago do repucho, ouviam os cantos dos trapeiros no batuque á viola... Depois...

.....  
Eis o motivo, meu bom amigo, da recusa ao teu convite.

Não sei porque fatalidade atroz



Os novos equipamentos de infantaria — Os novos equipamentos permitem ao soldado a maior liberdade de movimentos



Os novos e equipamentos vistos de frente



As mochilas dos novos equipamentos

(Phot. de J. Benoit)

ha espinhos na flôr... Não me queiras mal.

Quizeste saber a verdade dolorosa do romance de um coração, a que os vermes do desespero devoraram em vida antes, muito antes, que os vermes da morte! Sê feliz e respeita os meus escrúpulos.

Dizem que as estrellas d'alva mergulham a fronte luminosa no seio constellado das auroras e... desaparecem!

Faze o mesmo: afoga o espirito na onda ardente do prazer — que é o esquecimento — e vive para amar e gosar.

Adeus.

B. PINTO.



Os novos equipamentos de infantaria — Soldado visto de perfil



## Donas de tempos idos

### D. BEATRIZ DE SABOYA

As filhas d'El-Rei D. Manoel — Lendas das Infantas — Beatriz, ainda criança, é pedida em casamento — Hesitações de El-Rei — Serões manuelinos — Modernos esforços para demolir a lenda — Casamento da Infanta — Festas reaes — Tragi-comédia de Gil Vicente — Partida para Saboya — O Duque — Pobreza de sua côrte — Recato da Infanta — Sua morte.

**E**NTRE OS braços que El-Rei D. Manoel mandou pintar no famoso tecto de aquella nobre sala do Paço de Cintra, em que o Venturoso se quiz ver rodeado com os escudos d'armas de seus filhos e de toda a sua nobreza, figuram, a par dos outros que no centro circundam as armas do Rei, dois eguaes — em lisonja — o que indica pertencerem a Princezas então solteiras.

Estão do lado norte, á direita de quem entra pela pequena e unica porta da celebre

estancia onde se acha representada tanta grandeza da historia de Portugal!

Usaram esses escudos d'armas as duas lindas filhas de El-Rei D. Manoel — as Infantas D. Beatriz e D. Izabel.

Quando os modestos pintores encarregados da ornamentação da sala, talvez Lourenço Martins, *pyntor delrey*, talvez Gonçalo Gomes, ajudado por seu criado Johane, desenhavam, empoleirados nos seus cavalletes, os dous escudos, copiando cuidadosamente o livro de Antonio Godinho, *escrivão da Camara*, e o do Rei d'armas Antonio Rodrigues, não supporiam ainda que o da doce Beatriz havia de juntar-se ao do Duque de Saboya (embora elle já a esse tempo andasse em diligencias para obter a sua mão), e não futurava, de certo, que o da loira Infanta D. Isabel havia de integrar-se com o do Imperador Carlos V.

Têm um tão subtil perfume de lenda os nomes d'essas duas Infantas, que embora investigações de eruditos e demonstrações de sabios nos provem que não foi pela melancolica Beatriz que Bernardim Ribeiro gemeu as suas *Saudades*, nas quebradas da Serra de Cintra, quando a levaram *menina e moça para longas terras*, e que tambem não foi a violenta e desordenada paixão que em frente do cadaver da Imperatriz Isabel transformou o poderoso Duque de Gandia, Marquez de Lombay, *estribeiro-mór*, e muitas vezes grande de Hespanha, no humilde jesuita que depois foi S. Francisco de Borja, é certo que os nomes das duas filhas do

Rei D. Manoel não podem despojar-se, na imaginação de quem os recorda, do romantico e diaphano véo que os envolve através dos tempos.

E embora a primeira, séria e grave, tenha uma influencia benéfica durante as lutas em que seu marido se achou envolvido com Francisco I, e embora o seu nome perdure nos registos da historia por ter gerado e guiado os primeiros passos do heroe de S. Quintino, a lenda dos seus amores com o poeta não se apaga na memoria de todos os que conservam ainda o interesse pelas cousas portuguezas.

E tambem comquanto a figura da Imperatriz occupe lugar proeminente n'uma das mais vastas scenas do theatro politico do mundo, e as nobres qualidades do seu espirito tenham superiormente influido no animo do Imperador que, quando viuvo, e já em S. Justo, passava horas captivo das suas lembranças, na contemplação da formosa Isabel, que o pincel do Ticiano immortalizara, essa formosura não pôde deixar de nos recordar a tragedia sentimental que devastou a alma do Duque de Gandia, quando a levou morta a Granada, e que, depois de aberto o caixão, sem poder desviar *los ojos de aquellos ojos que poco antes eran tan claros*, exclama: «*Nunca mas debemos servir a Señor que se me pueda morir*».

E, amortalhado na roupeta do jesuita, entrou na lenda!

Ha épocas que têm o condão de attrahir o interesse dos espiritos cultos e ha nomes que possuem o prestigioso poder de despertar na imaginação popular e na alma dos artistas motivos de lendarios contos e de immorredouras obras primas.

Assim como os principios do seculo XVI, em que a explosão do Renascimento levando ao apogeu a gloria do nome portuguez attrahem a curiosa attenção de todos os que olham para a nossa historia, assim tambem as tres filhas de El-Rei D. Manoel fazem vibrar com a sua graça e a sua belleza essa côrte tão brilhante; e da sua recordação, os pintores, os poetas, os historiadores e os sabios arrancam maravilhas de arte, engendram poemas, fabricam curiosas hypotheses, escrevem livros, conferencias, theses, e devaneios.

De Beatriz se occupa o severo Damião de Goes na sua chronica, e Gil Vicente diz d'ella que era *formosa á maravilha*; o jucundo Garcia de Rezende celebrou-lhe em pittoresca narrativa as pomposas bodas, e Garrett no seu *Auto de Gil Vicente*, aproveitando a lenda dos seus amores com Bernardim Ribeiro, cizelou uma das mais preciosas joias da litteratura portugueza.

A lenda apparece pela primeira vez escripta (o que não quer dizer que não viesse na tradição) na *Fuente de Aganipe*, e Faria e Souza, contando «un de los mas raros exemplos de amor en un pecho, e de pena en un amante», accrescenta, alludindo á louca paixão do poeta: «*resultole esto de aver dado en el desatino de enamorar-se profundamente de la Infanta Dona Beatris, hija del*

Rei D. Manoel, i ella com ir le dando cuerda (burlas de Palacio) le acabo de rematar».

Desde então essa lenda não só andou sempre suspensa, como poeira de ouro, na atmosphera da poesia dos tempos, mas até seduziu espiritos circumspectos, como o de Alexandre Herculano, o qual não a rejeita, quando explica a descortezia da recepção que a Infanta teve em Italia.

Barbosa Machado, Costa e Silva, Innocencio, Ferdinand Denis, Sismondi, Bouterweck, D. Carolina Michaelis, D. José Pessanha e Alberto Pimentel, apresentam duvidas, uns mais seduzidos pela poesia da lenda, outros mais impressionados por dados positivos que os inclinou a não a aceitarem.

Entre estes ultimos Varnhagen, que aventa a hypothese de ser a Aonia, da *Menina e Moça*, a Princeza Joanna, que foi mãe de Carlos V; e o Dr. Theophilo Braga, que nega por completo a lenda de D. Beatriz, e que suppõe ser D. Joanna de Vilhena, depois Condessa de Vimioso, a infeliz Aonia de *louros cabellos ondados*, por quem Bernardim Ribeiro se apaixonara.

Todas as tres filhas de El-Rei D. Manoel têm notavel menção na historia, e a todas tres um vago luar de lenda illumina docemente.

O nome da Infanta Isabel encontra-se na historia de Portugal, e depois, quando Imperatriz, na historia da Europa com uma missão de sympathica influencia nos destinos do colossal Imperio; e a sua figura encantadora e suavemente séria de mulher tem um tal prestigio que a sua imagem ficou gravada no coração, pouco susceptível de amavios, do complicado Carlos V. Não admira pois que a tradição a traga na fantasia do povo como inspiradora da ardente paixão do seu estribeiro-mór e que a imaginação dos poetas como o Duque de Rivas no *Solemne desengano*, e Campoamor nos *Amores en la luna*, sejam irresistivelmente levados a abraçar a lenda do amor de S. Francisco de Borja pela sua loira soberana.

A terceira filha de El-Rei é a mais nova de todas, pois que nasceu do terceiro casamento, foi a Infanta D. Maria. Livros que d'ella se occupam formam quasi uma bibliotheca. Escriptos que a ella se referem são legião. A sua nobre figura feminina, a mais notavel da Renascença portugueza, apparece cercada do nimbo refulgente de uma nomeada de elevação intellectual, e a sua douta academia lança uma projecção luminosa no estudo das humanidades e da philosophia do seu tempo. Por isso talvez está mais apagada na tradição a sua historia sentimental. Começa, porém, para ella, agora, tambem um tenue alvorecer de lenda, como em outro capitulo referiremos.

Por agora regressamos á Infanta Beatriz, que não interessa menos que as suas duas irmãs mais novas, pois a memoria que d'ella ficou nas paginas d'esse livro sem folhas que se chama a tradição, envolve em poesia a sua mocidade e põe em relevo a sua envergadura moral quando já depois Duqueza de Saboya.

Desde muito tamanhinha, pois contava apenas doze annos, foi ambicionada pelo desageitado Carlos III, appellidado *O Bom*, que andava em volta dos trinta annos, quando em 1516 mandou como embaixador a Lisboa, o Senhor de Consinham, e Pero Caes pedirem a Infantasinha. Seduzia-o a grandeza da alliança com um tão poderoso monarcha e a importancia do dote, que muito convinha ás suas finanças pouco prosperas.

El-Rei D. Manoel declinou o pedido do Duque, allegando entre outras razões, a idade da Princeza.

Não queria o avisado pae decidir o casamento sem conhecer ao certo o «estado, senhorio e poder» do Duque.

Mandou por isso dissimuladamente a Saboya o seu escrivão da Camara, Silvestre Nunes, que já o servira como feitor em Flandres.

Entretanto a princezinha cresceria, consolidaria e robusteceria

a sua delicada compleição, que lhe dava um aspecto ainda mais infantil do que era proprio da sua idade, ou fosse porque sua mãe, ao concebê-la, estivesse já cansada de successivos partos, ou porque a sua constituição influísse o susto que da rainha se apoderou com o terremoto de 1504, tão grande, que «os homens tomaram por partido habitar nos campos, fóra das suas casas e longe das montanhas».

Alli, no Paço da Alcaçova, onde em 31 de dezembro nascera a infanta D. Beatriz, via a rainha D. Maria, da sua varanda, desoladoras ruinas de edificios, e indicavam-lhe que acolá, para as bandas do sul, o abalo causara uma depressão de terreno que separou o alto das Chagas do de Santa Catharina.

A impressão do espectáculo a que assistira e as descripções que ouvira não influíram de certo pouco no organismo da filha. Creou-se ella delicada e de franzino talhe. Mas de criança annunciava já aquelle ar donairoso que os chronistas seus contemporaneos n'ella admiram, e que impressionou os dous piemontezes que o Duque de Saboya enviou para a pedirem, e que regressaram á mesquinha córte do seu amo deslumbrados com a opulencia do Paço da Ribeira e com a gracil belleza da desejada noiva de treze annos.

Ella costumada ao recolhimento com que sua mãe ordenava as occupações de casa, rodeada das suas damas e moças de camara, dividindo o tempo entre as praticas devotas e os trabalhos de costura, decerto ficou maravilhada quando chocalhice de bocca indiscreta lhe revelou que aquelles dois rudes saboyanos atravessaram as salas do Paço em diligencia para obterem a sua mão.

Pequenita era ainda, embora já mais desenvolvida, quando dois annos depois o pae casou com a infanta D. Leonor de Austria, e ella, juntamente com sua irmã Izabel, acompanhadas pelo Duque de Bragança, Condes de Tarouca, Portalegre e Vimioso, esperava a madrastra no Paço de Almeirim, ao pé da escada da sala velha que sabia ao terreiro.

As duas infantasinhas ao avisarem o esplendoroso cortejo, quizeram precipitar-se, para irem beijar a mão da rainha, mas esta deixando-se descahir rapidamente do cavallo branco que montava, «as foi tomar ainda nos degraus onde as infantas lhe fizeram cortezia com os geolhos até ao chão».

Começou, porém, a Infanta Beatriz a prestar atenção, entre atemorizada e movida de interesse pelo projectado casamento, quando soube que o Duque de Saboya enviara mysteriosamente a Lisboa um frade de S. Francisco para saber se D. Manoel preferiria para noivo seu irmão.

Que significava a mudança? pensou surpreendida a princeza. Não nos diz a chronica se a assaltou bem fundado despeito, ou desdenhosa indiferença.

Sabemos só que pouco depois Honorato Caes (que mais tarde foi embaixador de Francisco I em Lisboa) insistio pedindo a mão da Infanta para o Duque de Saboya e que El-Rei D. Manoel a concedeu.

Por esse tempo lá a Córte frequentes vezes a Cintra, e já aos sarãos, esses famosos serões manoelinos, que tão grande brado no momento deram, assistiam as infantas. D. Beatriz ouvia com agrado os villancetes, os motes, as glosas e as esparsas dos poetas palacianos, adivinhava os galanteios dos cortezãos e seguia curiosamente as intrigas amorosas que se atavam e desatavam n'essa formosa sala dos Cysnes, enquanto nos pateos mouriscos as vozes das escravas brancas psalmodiavam cantos da sua patria e o rumor das aguas nas fontes dos eirados e terreiros se casava mysteriosamente com os protestos dos namorados.

A esses serões concorriam Sá de Miranda, Gil Vicente, Garcia Rezende e muitos dos poetas cujas rimas o cancionero d'este ultimo aponta. Entre elles notava-se um poeta que chegara do Torrão e



Conde de Sabugosa

Auctor do livro «Donas de tempos idos»

que sabia com muito sentido geito falar das cousas do coração. Era bemquisto entre a gente feminina do Paço o sentimental Bernardim Ribeiro, e não desagradaria porventura á Infanta ouvir a voz do bardo discorrer sobre a amargura das saudades. E' certo que ella tinha então apenas dezeseite annos e elle já havia quarentado. Mas nunca foi a idade barreira do sentimento, e o poeta estava então em pleno desabrochar do seu talento. Não custa a crêr também que a innocente belleza da Infanta seduzisse o impressionavel autor da *Menina e Moça*, que sahia dos serões do Paço cogitando n'aquelles versos, que dizem:

«Se nasci por meu mal ver  
e não por vel-o acabado  
melhor fôra não nascer  
que ver-me desesperado.»

Amaram-se? Foi Beatriz a desditosa *Aonia*?

Os criticos teimam em asseverar que tal não podia ser, fundados em argumentos tirados dos proprios versos do poeta, de com-



A Senhora D. Maria das Neves e seu marido o Infante D. Afonso

Retrato tirado depois da guerra carlista de 1876

Vem a proposito a interessante gravura que encima estas linhas. A Senhora Infanta D. Maria das Neves é de origem portugueza e o seu anniversario natalicio passou a 5 do corrente mez.

Filho do rei D. Miguel e de sua esposa a Senhora D. Adelaide Sophia de Loewenstein, nasceu a 5 de Agosto de 1852 e casou a 26 de Abril com o Infante de Hespanha D. Afonso de Este, irmão de D. Carlos de Bourbon.

paração de datas (provaveis, pois as não ha seguras para a vida de Bernardim Ribeiro) e de motivos de ordem moral, que nem sempre convencem, porque é sabido em materia de sentimento não são impedimentos nem a desproporção de idades, nem a desigualdade de gerarchias, nem muitas outras considerações sociaes.

Quem quizer aprofundar esse problema e conhecer as hypotheses formuladas para explicar os amores do poeta, determinar a pessoa a quem Bernardim Ribeiro se dedicou e destruir a lenda da Infanta, leia os trabalhos de Varnhagen, o livro do Dr. Theophilo Braga *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, a edição das poesias de Sá de Miranda, por D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, o prefacio e notas do livro de D. José Pessanha, e o trabalho de Alberto Pimentel.

Passará horas agradaveis, pois que essas obras, além de eruditas, são interessantes; formará o seu juizo conforme as tendencias intellectuaes que tiver, ficará talvez convencido de que *Aonia* não é a doce Beatriz, mas sim Joanna de Vilhena, Condessa de Vimioso, ou Joanna a Louca, mãe de Carlos V; mas a lenda persistirá affirmando que foi a filha de D. Manoel por quem Bernardim Ribeiro gemeu saudades, pois é tão forte o poder das tradições phantasiosas; arraigam se por tal fórma na imaginação d'um povo,

que Dagoberto, Rei dos Francos, fundador da basilica de S. Diniz, pôde ter sido o mais sizado legislador do codigo dos ripuarios, e o seu ministro o mais respeitado dos santos, que largos annos passarão antes que desapareça da memoria das gentes a folgazã cantiga, que irreverente nos revela, que:

«Le Roi Dagobert  
a mis sa culotte á l'envers.»

e que

le grand saint Eloi  
lui dit: o mon Roi  
votre Majesté  
est mal culottée.»

Para a memoria da Infanta Beatriz e para o respeito que ella nos inspira nada importaria que se tivesse deixado enternecer pela platonica phantasia amorosa d'um poeta bem aceito na Córte, visto que a propria historia nos dá noticia de como ella foi sempre intangivel na sua reputação, dedicada ao desageitado marido, e de como em Italia afastara suavemente, mas com firmeza, esse poeta que lhe appareceu no Piemonte, levado pela força da sua paixão.

«Niña era la Infanta,  
Dona Beatriz se decia,  
Nieta del buen Rey Hernando  
El mejor Rey de Castilla,  
Hija del Rey Don Manue  
Y Reina Dona Maria,  
Reys de tanta bondad  
Que tales dos non habia.  
Niña la casó su padre,  
Muy hermosa á maravilla  
Con el Duque de Saboya  
Que bien le pertencia,  
Señor de muchos señores,  
Mas que Rey es su valia  
Yá se parte la Infanta,  
De la muy leal ciudad  
Que Lisbona se decia;  
La riqueza que llevaba  
Vale toda Alejandria.  
Sus naves muy alterosas,  
Sin cuento la artilleria;  
Va por el mar de Levante  
Tal que temblava Turquia.  
Con ella va el Arzobispo  
Señor de la Cleresia;  
Van condes y caballeros  
De muy notable ousadia;  
Lleba damas muy hermosas,  
Hijos d'algo e de valia.  
Dios los lleve á salvamiento  
Como su madre querria.»

Este é o romance que Gil Vicente, pelas vozes de Planetas e Signos, fez cantar na tragi-comedia *As Córtes de Jupiter*, representada no dia 4 de Agosto de 1519 nos Paços da Ribeira, por motivo da partida da Infanta, perante o Rei, a Córte e a Embaixada que vinha em busca da noiva.

Compunha-se essa embaixada de Mr. de Balisan, Camareiro-Mór do Duque, do Dr. Paperio e do Secretario Chatel, os quaes foram recebidos com deslumbrantes festas, proprias do faustoso monarcha e da tradicional historia da hospedagem portugueza.

Haviam já começado essas festas em Abril, no domingo da Paschoela, dia em que se realizou o casamento por procuração, em uma sala do Paço.

Estava essa sala armada em rica tapeçaria de ouro, e formosas alcantifas.

Ao fundo o docel de brocado e cadeiras cobertas com panno de ouro para El-Rei e para a Rainha.

Em almofadas, sentados os Infantes e as Infantas, e, em volta da sala, allumiada com tocheiros de prata, encruzadas no chão em alcantifas, todas as damas. Ao fundo os grandes senhores, os fidalgos, e «todolos ministros que se podiam nomear». Entre estre es-

tes o barrigudo e galhofeiro moço de escrevaninha. Garcia de Rezende, que attentamente, registava na memoria os episodios das solemnidades, que, depois, tão pittoresca e minuciosamente refere.

Acabada a cerimonia do casamento, houve vistoso serão, em que dansaram o Principe, as Infantas e os Infantes, algumas d'aquellas galhardas de dengoso meneio.

Começou logo no dia seguinte a preparar-se tudo para a partida, que só se realizou em agosto. Mas pequenos foram esses

la elegante, apesar dos quarenta e nove, e ainda com aprumada maneira no seu justilho de setim claro.

A Rainha e a Infanta Duqueza, numas andas cobertas de panno d'ouro, balançavam os seus corpos miudos e gracis ao sabor do movimento da liteira. D. Isabel, a futura Imperatriz, em uma mula com guarnição e andilhas de chaperia preciosa, ostentava com *donaire* a sua loura belleza.

O Principe e os Infantes, cavalgando nervosas facas, acompanhavam-n'a com fraternal desvanecimento.

E as damas da Rainha montadas, conforme a sua categoria ou os seus temperamentos, em vivos ginetes ou pacificas mulas, eram seguidas pela turba dos pagens e moços da espora.

Toda essa multidão, o escól e a fina flôr da sociedade portugueza, uma das mais intellectualmente requintadas da Europa n'essa época, se reunio, á noite, naquellas mesmas salas em que, mezes antes, houvera serão.

Representava-se agora a comedia inventada por aquelle poeta que havia annos, já andava na Côte e que começava recitando, em 1502, o monologo do vaqueiro na camara da Rainha D. Maria, logo depois do nascimento do Principe D. João.

Chamava-se Gil Vicente, ia ganhando grande nomeada, e, com a sua companhia, era o encanto das seroadas reaes. Ácerca d'elle, n'essa noite, discorriam, enquanto se não dava começo á tragi-comedia, os Condes de Vimioso e de Tarouca.

O primeiro era D. Francisco de Portugal, uma das figuras que mais se destacavam pelo pro-

## A catastrophe de Buñol



A villa de Buñol e o respectivo castello

*Em Buñol (Valencia), Hespanha, deu-se ha pouco uma catastrophe espantosa. Foi o caso que, deslocando-se uns enormes blocos de pedra sobre os quaes assentava umas das torres do castello que domina a villa, veiu tudo cahir sobre a casaria, derrubando umas dezoito casas sob cujos escombros morreram numerosas pessoas.*

mezes para pôr em ordem as grossas galés, os galeões, as náos e caravellas de que se compunha a vistosa armada que levou a Infanta Duqueza, com as suas camaras forradas de brocado, de velludo e pannos de ouro.

Pouco foi o tempo para compôr o apparatuso enxoval, cuja longa ementa enche paginas da *Historia Genealogica* e revela a magnificencia com que foi formado.

Grande faina foi necessaria para pôr em termos de partir a numerosa comitiva de homens de armas e homens de mar, bispos, cortezaños e a grande multidão composta de pagens, manteeiros, copeiros, capellães, porteiros de maça e de estribeira, reposteiros e os musicos da camara, com as suas charamelas, violas d'arco, cитарas, trombetas e atambores.

Grande azafama houve no mundo feminino, que compunha a casa da Infanta; a sua camareira-mór, D. Leonor da Silva, oito damas, entre as quaes D. Maria, sobrinha do Duque de Bragança, e numerosas guarda-roupas, moças de camara, guardas das damas e escravas brancas.

Rapidos passaram os mezes para todas estas, que embarcavam, se despediam, e mais de uma scena commovente houve, quando, no primeiro domingo de agosto, um numeroso cortejo, composto dos que iam e dos que ficavam, foi á Sé fazer oração, e dalli a Enxobregas, levar a Infanta a despedir-se, e beijar a mão da Rainha D. Leonor, viuva de D. João II.

El-Rei D. Manoel, vestido á flamenga, montava um cavallo de brida.



Vista geral do local da catastrophe vendo-se o bloco de pedra (+) que a produziu

prio valor entre a aristocracia brilhante d'essa época, a quem chamavam o Catão portuguez. Valente capitão, viera pouco antes de Africa, onde estivera como fronteiro-mór, Espirito illustrado e estadista prestigioso, fôra nomeado Vedor da Fazenda, e El-Rei estimava-o tanto que lhe chamava a joia mais valiosa das que adornavam a corôa.

Poeta dos mais distinctos que figuram no cancionero, a lista das suas trovas, cantigas e villancetes era já numerosa n'essa occasião e collocava-o acima dos demais poetas palacianos. Tinha especial predilecção por Gil Vicente, cujo engenho apreciava. E o poeta, que já lhe dedicara varias obras, dava-lhe muita vez noticia dos seus projectos:

«Agora trago entre os dedos  
Hua farça mui fermosa»

diz o poeta ao Vimioso, n'uma passagem que ficou celebre.

O outro interlocutor era D. João de Menezes, que também fizera gloriosa carreira em Africa. Fôra, depois de viuvo, nomeado Prior do Crato, e, por isso, lhe chamavam o Conde Prior, Mor-domo-mór.

Poeta também, d'elle ficaram uns versos a D. Felipe de

## Igrejas, mosteiros e capellas



Santos — Capella do Monte Serrate

Abreu, que, ao que parece, o trouxe juntamente com outros poetas:

«..... sandeu  
d'amores pela Senhora  
Dona Felypa d'Abreu.»

— Asseguro-vos, dizia o Vimioso, que a comedia que himos ouvir, é obra bem ordenada e digna do nosso Gil, que faz autos para El-Rei.

— Como haveis d'ella conhecimento? perguntou o Tarouca.

— Não ha muito ainda que nas matinas do Natal, depois de se representar na igreja do Hospital de Todos os Santos o *Auto da Barca do Purgatorio*, tive ensejo de tomar conhecimento da tragi-comedia que projectava para esta occasião, e a que chamou *As Côrtes de Jupiter*.

— E sabeis de certeza, accudio o Conde Prior, como elle fabulou essa comedia que, ao que me disse agora Garcia de Rezende, é muito boa, muito bem feita, e com figuras mui bem ataviadas. Conheceis a sua dilecção pela senhora D. Beatriz, sabeis que já por vezes se lhe dirigio nas suas representações, como sua «Exhortação de guerra» vai para seis annos, quando o Duque Dom Jayme partio para Azamor que o poeta communicava, não sei com que intenção:

«Infanta Dona Beatriz»  
«Que haveis de ser casada»  
«Nas partes de flôr de liz.»

E', pois, de crer que seja a sua melhor producção.

— Assim o creio, retorquiu o Vimioso. Figura elle que o Senhor Deus, querendo fazer mercê á senhora D. Beatriz, mandou sua Providencia por mensageira a Jupiter, Rei dos Elementos, que fizesse côrtes em que se concertassem planetas e signos em favor da sua viagem.

Ides, pois, ouvir fallar a Providencia, Jupiter, o Mar, o Sol, a Lua, Venus, uma Moura encantada... Que sei eu?

E tudo isto, diz elle lá:

«Porque vai hũa Princesa»  
«Alta Infanta portugueza»  
«Duqueza pera Saboya.»

Approximavam-se neste momento duas das mais illustres damas da Rainha: D. Leonor Mascarenhas, no esplendor da sua fulgurante belleza, e aureolada com tal prestigio pelo seu talento

e poder de seducção que Sá de Miranda a comparara a Victoria Colonna, Marqueza de Pescara. Florescia com a sua graça nos serões do Paço, onde era celebrada pelos versos que compunha, e ainda, pelos que inspirava.

Era a outra dama da Rainha, que vinha juntar-se ao grupo, D. Isabel Freire, aquella perturbante rapariga que enfeiticava Christovão Falcão, devaneio que causou ao poeta graves dissabores na sua vida de cortezaõ, e o levou ao desterro para Coimbra.

A seductora belleza dessa mulher captivou não só o trovador de Celia, mas também Sá de Miranda, e ainda depois o poeta Garcilasso, iniciador da escola italiana em Hespanha.

Figura na galeria das Inspiradoras, e tem o seu lugar no registro dourado, onde a historia inscreve o nome daquellas, cujo condão fez vibrar as cordas da alma dos poetas.

Era tão grande o seu encanto que, quando mais tarde a Infanta D. Isabel estava para casar com Carlos V, parece que declarara que ou não partia para Castella, ou haviam de a deixar levar consigo D. Isabel Freire.

Curiosas as duas, interrogaram os fidalgos sobre o que se ia passar. E o Vimioso, mais mundano, mais dado ao trato feminino e ás elegancias, e sabendo melhor da sua arte de cortezaõ, foi indiscreto e revelou-lhes que nessa peça havia referencias a muitas personagens alli presentes e que alguns eram apodados e até mesmo debicados com malicia.

— Assim — dizia o Vimioso — vêde alli D. Isabel Vaz da Cunha, pois não passa sem que o incorrigivel Gil Vicente lhe chame *raia do alto*, e elle lá sabe porquê; ao estribeiro-mór alcunha-o de *peixe-mu*, a Gil Vaz por estar gordo, como vedes, *figura de baleia*, e até ao proprio Tristão da Cunha que alli enxergais, que foi á India capitão de uma armada, que se cobrio de gloria, e tomou Cacotará, que foi na mais sumptuosa embaixada de que ha memoria prestar, em nome d'El-Rei, nosso senhor, obediencia ao Papa Leão X, chama-lhe o nosso Gil — *Congro da Podreneira*.

— Dizei-me se é verdade, interrogou Dona Izabel Freire, que aos ouvidos de Garcia de Rezende chegára noticia de que Gil Vicente alludindo á sua obesidade lhe chamaria nesta comedia peixe tamboril em despique não sei de que offensas...

— Intrigas de soalheiros, respondeu o Conde, pois ambos se

## Typos e costumes



Indio Guarany

mostram amigos, e até já Garcia de Rezende me confiou que no relato que intenta escrever da ida da Senhora Infanta para Saboya tencionava referir-se com louvor á comedia de Gil Vicente...

Interrompeu-se a conversa com o começar da representação, que foi escutada com attenção, e sublinhados com applausos os pontos que mais interessavam o auditorio.

Viam-se porventura alguns sorrisos contrafeitos nos rostos dos que eram visados, ou nos d'aquelles que em noites anteriores teriam sido alvos de ironias aguçadas do satyrico poeta

Mas tudo isso era envolvido na corrente de sympathia, com que a Assembléa ouvia a voz de Gil Vicente no seu papel de Jupiter gritar:

«Ide ventos á mais bella  
 Lua Diana formosa,  
 Dizei que a mais bella qu'ella,  
 Está pera ir á vela  
 Destes reinos poderosa...»

E a Infantazinha, ruborizada, sentia os olhos marejados pela saudade com que deixava tudo quanto alli agora a rodeava, trocando-o pelo destino desconhecido que a estava esperando.

Ao outro dia embarcou. Na não *Santa Catharina do Monte Sinay*, sob o toldo de velludo carmezim e damasco branco, acompanhada dos embaixadores, do Conde de Villa Nova, do bispo de Targa, de todas as suas damas e seguida da vistosa armada, em que se encontrava D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, e muitos dos mais illustres nomes da Córte de Portugal, lá se partio a bella Infanta com destino a Niza, onde a esperava o Duque seu marido.

Chegou a Villa Franca em setembro, no dia de S. Miguel á noite. Não lhe appetecia desembarcar a essa hora. Mas o Duque arriscou-se a ir a bordo convidal-a a vir para terra. Não deslumbrou a sua noiva. Era pequeno de corpo, feio, de rosto comprido e com um hombro mais alto do que o outro, um pouco corcovado e de pernas delgadas.

Estiveram oito dias em Niza, onde o Duque Carlos e Luiza de Saboya festejaram a recém-vinda e deram banquete aos Portuguezes. Mas ao cabo dessa semana o marido levou-a para o Piemonte. Conta-o da seguinte maneira um codice da Bibliotheca da Ajuda:

«A' partida a Infanta se achou só em uma faca com dous moços da estribeira, e como ia de cá costumada de andar de outra maneira achava-se corrida, e não soube que fazer senão tornar-se ás lagrimas porque a mór parte dos portuguezes eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiam que assim lhe era ordenado do Duque; e ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes puzeram alabardas aos peitos e não consentiram que passassem ávante. As damas iam em chibaos d'aluguer, com varas na mão sem nenhuma companhia d'homem, caindo a cada passo por seguir a Infante pranteando e chorando a sua orfandade, e a pouca honra e gasalhado que dos saboyanos recebiam; e dizendo d'elles muitas pragas, e a pouca virtude e honra com que as tratavam.»

Desoladora lua de mel! E pobres damas que em vez das ricas sellas de velludo com vistosos adornos, que a Infanta levava na sua bagagem para serviço das suas camareiras, se achavam chouteando em toscas albardas sobre azemulas de aluguel, que tropeçavam nos caminhos asperos a muros de Piemonte.

O Barão de Claretta, num livro que publicou ha annos, ácerca da Princeza, baseado numa narrativa de Revelli, não deixa de pôr em confronto a pobreza da Córte Saboyana com a grandeza e ostentação dos cinco mil Portuguezes que acompanhavam a Infanta, e que deslumbavam as gentes na sua passagem, com os ornamentos de ouro e pedrarias, ricos estofos e preciosos aromas trazidos da India, para o Rei de Portugal.

Refere, porém, o Barão que o Duque organisára numerosas festas para celebrar as suas bodas, festas que se interromperam com a noticia, em dezembro, da morte de D. Manoel.

A Duqueza de Saboya se não amou apaixonadamente o marido, dedicou-lhe comtudo verdadeira affeição, e é sincera quando em 1526, numa carta lhe diz, sentindo a sua ausencia prolongada em Chambéry: *votre retour qui mest si long que plus ne pourrait...* E n'outra: *jusque je sois auprès de vous quest la chose que plus je desire en ce monde.*

Elle pelo seu lado retribuio-lhe o affecto, e o que é mais, consultava-a, e deixava-se guiar ás vezes pelo seu bom senso politico, nas difficuldades terriveis em que se encontrou. E até recorreu por intermedio da Infanta á intercessão de seu cunhado o Rei D. João III.

A situação do Piemonte era intoleravel no meio das lutas entre Francisco I e Carlos V, e era difficil para o Duque a posição entre os dous rivaes, dos quaes o primeiro era seu sobrinho direito e casado com Dona Leonor, madrasta de sua mulher, e o outro era seu cunhado, por ser casado com a outra filha de El-Rei D. Manoel.

D. Beatriz tirava por vezes proveito destas mesmas circumstancias, e não perdeu o ensejo da sua estada em Borgonha para

conseguir do Imperador ceder-lhe e aos seus descendentes, o Condado d'Asti, e o senhorio de Chevasco e Peva, que pelo tratado de Cambrai tinha sido cedido pela França a Carlos V.

D. Beatriz tinha mais tino politico que seu marido. E em vez das hesitações que ás vezes o prejudicavam, era decididamente inclinada á politica hespanhola, por lhe parecer a mais conveniente á conservação dos seus Estados.

A sua altivez, que impressionou Brantôme, e que por vezes lhe alienou a affeição dos seus subditos, era nascida no animo varonil, e no orgulho que lhe servia de escudo para muitas contrariedades da vida. Casada com um homem desageitado e feio, soube disciplinar a sua alma, a ponto de a encaminhar a um affecto sincero e dedicado por elle, dando-lhe nove filhos, e amparando-o sempre com carinho nos solavancos da sua vida.

Sahida da Córte opulenta de Portugal, soffreu com stoica coragem a penuria da sua casa em Saboya, onde escasseava o dinheiro, onde sobejavam as dividas, e onde, por os fornecedores se retrahirem, se via obrigada a mandar fazer na praça as compras de aves e carne!

E bella, duma belleza arrogante, como demonstram os seus retratos de Turim e do Prado, em Madrid, soube conservar-se intangivel.

E' curiosa a revelação de Brantôme, quando nos conta uma anecdota, succedida com o ostentoso Cardeal de Lorena, «qui etait un homme de chair comme un autre»:

«J'ay ouy faire un conte (diz o aventureiro cortezão), à propos du respect deu aux dames.

«Il leur en portait de son naturel beaucoup: mais il l'oublia, et non sans sujet, à l'endroit de Madame la Ducpesse de Savoie, donne Béatrix de Portugal. Luy passant une fois par le Diedmont allant à Rome pour le service du Roy son maistre, visita le Duc et la Duchesse.

«Après avoir assez entretenu M. le Duc, s'en alla trouver madame la duchesse en sa chambre pour la saluer; et s'approchant d'elle, qui etait la même arrogance du monde, lui presenta la main pour la baiser. M. Le Cardinal impatient de cet affront s'approcha pour la baiser à la bouche, et elle de se reculer. Lui perdant gracieuse et s'approchant plus près encore d'elle, la pressa par la teste, et en despit d'elle la baisa deux ou trois fois. Et quoiqu'elle en fist ses cris et exclamations, à la portugaise et espagnole, si fallut-il qu'elle passast par la «comment», dit il est-ce à moi qu'il faut user de cette mine et façon? Je baise bien la reine, ma maistresse, qui est la plus grande reine du monde, et vous, je ne vous baiserais pas, qui n'êtes qu'une petite duchesse crottée! Et si veux que vous sachiez que j'ai couché avec des dames aussi belles et d'aussi bonne ou plus grand maison que vous.»

Brantôme, na sua ingenua depravação, desapprova o rigor e arrogancia da Infanta para com a attitudo equivoa do libertino Cardeal de Lorena. Não podia ser outra a opinião de Brantôme.

O recato da esquivia Princeza é reconhecido igualmente pela lenda, que a figura em Turim á porta de uma igreja dando esmola aos seus pobres. Entre elles depara-se-lhe disfarçado em mendigo o apaixonado poeta Bernardim Ribeiro, que de longada viera de Portugal, trazido pela força da sua paixão. Mas ella aconselhando-o com doce firmeza a que se afaste da cidade, rematou melancolicamente: *ya eran passados los dias de los entretenimientos de Palacio!*

*Entertentimentos* e galanteios da sua meninice dourada, que longe e que afastado tudo isso estava! Quando em janeiro de 1538, depois de lhe nascer o nono filho, sente que a vida lhe foge, recorda o caminho percorrido e olha com apprehensões o porvir.

Levava na memoria saudades da mocidade, e no animo essas preocupações pelo futuro da patria adoptiva, de que previa o esphacelamento.

Feliz teria ella, porém, sido se, nesse momento, a previsão rompesse o véo dos tempos que haviam de vir, e lhe mostrasse o filho, vencedor glorioso nos campos de batalha, e rehavendo os seus Estados que tinham de ser o nucleo da Italia moderna!

CONDE DE SABUGOSA.

Contaram a Calino que a terra girava ao redor do seu eixo.  
 — Já tive prova d'isso! respondeu Calino.

— Quando?

— No dia em que meu pae me applicou uma formidavel tapona ao pé do ouvido.

## Lorj6 Tavares

No dia 7 d'este mez partiu para o Rio de Janeiro, a bordo do *Araguaya*, um dos directores d'esta Revista, Lorj6 Tavares, que da capital brasileira passará a outras cidades da America do Sul, e entre ellas Buenos Ayres.

Fomos a bordo dar-lhe o abraço da despedida, e depois de



percorreremos todas as dependencias d'este esplendido paquete da *Royal Mail*, felicital-o duas vezes: pela viagem que emprehendia e que tanto deve encher-lhe de impressões o espirito, avido de todas ellas, como pelo facto de viajar até ao Rio a bordo de um navio que reúne todas as condições modernas de navegação, todas as commodidades, todos os confortos, todas as innovações e aperfeiçoamentos com que a civilização tem enriquecido estes meios de transporte maritimo.

Alguns mezes deve durar a viagem de Lorj6 Tavares, que vae de novo em propaganda do *Brasil-Portugal*, a mais antiga illustração portugueza que durante 14 annos, sem uma hora de enfado ou de desanimo, e não raro á custa de grandes sacrificios, nunca procurou senão estreitar cada vez mais entre Portugal e o Brasil, entre os portuguezes de cá e os que por lá labutam, os laços da mais intima confraternidade, quer se manifeste em provas de reciproca e affectuosa estima, quer se accentue na reciprocidade dos interesses commerciaes e economicos.

O *Brasil-Portugal* tem sido o propagandista incançavel d'estas relações; o amigo devotado de todos os portuguezes que acima de facções e seitas politicas põem o interesse da Patria, o amor desvelado de Portugal, de que elles teem dado exemplos e demonstrações em actos benemeritos que vem de longos annos e que partindo de terras brasileiras calam fundo no coração dos que, presando a patria como elles, vivem em territorio portuguez.

Que Lorj6 Tavares veja mais uma vez coroados os seus esforços é o que de longe ambicionam os que sempre o teem acompanhado com a mais leal camaradagem na direcção do *Brasil-Portugal*.

## ESTOICISMO

Tu que não crês, nem amas, nem esperas,  
Espirito de eterna negação,  
Teu halito gelou-me o coração  
E destroçou-me da alma as primaveras...

Atravessando regiões austeras,  
Cheias de noite e cava escuridão  
Como n'um sonho mau, só oiço um não  
Que eternamente ecoa sobre as esferas...

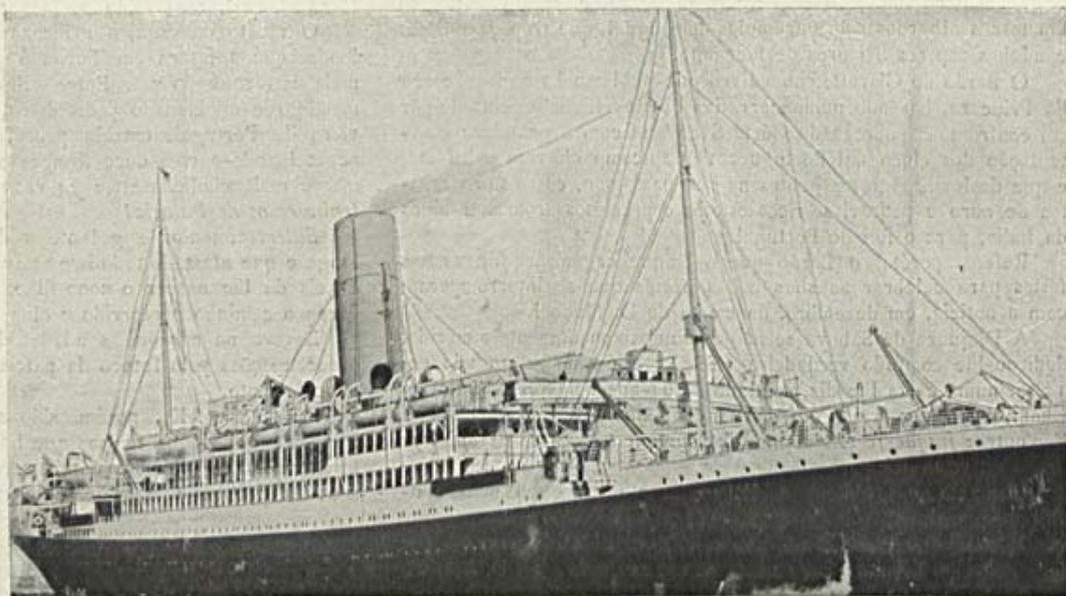
Porque suspiras, porque te lamentas,  
Cobarde coração? Debalde intentas  
Oppôr á Sorte a queixa do egoismo...

Deixa aos timidos, deixa aos sonhadores  
A esperança van, seus vãos fulgores...  
Sabe tu encarar sereno o abysmo!

ANTHERO DE QUENTAL.

## A BORRACHA

A borracha ou gomma elastica é o succo de certas arvores da America que se torna espesso ao contacto do ar; é molle e elastica a 0°, insolavel na agua, soluvel no ether, nas essencias e no sulfureto de carbone; solda-se a si mesma pela simples união; molda-se em tubos e estira-se em fios. Vulcanisada, isto é, combinada com uma pequena quantidade de enxofre, mergulhada no enxofre fundido a 150° ou dissolvida em sulfureto de carbone, adquire uma elasticidade permanente a todas as temperaturas, mas perde a propriedade de se soldar a si mesma. Se a proporção do enxofre se eleva a um quinto do seu peso, torna-se dura como o



O «Araguaya» — (Da *Royal Mail*)

marfim; póde tomar um bello brilho e receber todas as fórmas. Os usos da borracha molle ou dura são innumeraveis. E' um dos melhores isoladores da electricidade.